

Luís Diogo Loureiro Ralho

A política do medicamento em Portugal no início do século XXI e a descredibilização do medicamento

Monografia realizada no âmbito da unidade Estágio Curricular do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, orientada pelo Professor Doutor João Rui Pita e apresentada à Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra

Junho 2014



Assinatura do Tutor

(Professor Doutor João Rui Pita)

Assinatura do Aluno

(Luís Diogo Loureiro Ralho)

Eu, Luis Diogo Loureiro Ralho, estudante do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, com o n.º 2008011106, declaro assumir toda a responsabilidade pelo conteúdo da Monografia apresentada à Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, no âmbito da unidade Estágio Curricular.

Mais declaro que este é um trabalho original e que toda e qualquer afirmação ou expressão, por mim utilizada, está referenciada na Bibliografia desta Monografia, segundo os critérios bibliográficos legalmente estabelecidos, salvaguardando sempre os Direitos de Autor, à exceção das minhas opiniões pessoais.

Coimbra, 20 Junho de 2014.

(Luís Diogo Loureiro Ralho)

Abreviaturas

Sistema Nacional de Saúde – SNS

Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico – OECD/OCDE

Preço de venda ao público – PVP

Memorando de Entendimento com a Troika – MdE

Produto Interno Bruto – PIB

Ordem dos Farmacêuticos – OF

Princípio Ativo – PA

Autorização de Introdução no Mercado – AIM

Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, I.P. – INFARMED

Medicamento não Sujeito a Receita Médica – MNSRM

Denominação Comum Internacional – DCI

Organização Mundial de Saúde – OMS

Índice

1	Introdução.....	7
2	Despesa da Saúde em Portugal	8
2.1	Visão Global	8
2.2	Alterações legislativas pré MdE.....	9
2.3	Alterações legislativa pós MdE.....	11
2.4	Análise das Alterações.....	12
3	Problemática da Dispensa de Medicamentos.....	13
3.1	Crise nas Farmácias	13
3.2	Falta de medicamentos	15
3.3	Medicamento Online.....	17
4	Análise Empírica.....	18
4.1	Inquéritos por Questionário	18
4.2	Resultados.....	19
4.2.1	Farmacêuticos.....	19
4.2.2	Médicos	22
5	Conclusão.....	24
6	Bibliografia.....	26
	ANEXOS	29

Resumo

Os medicamentos têm sofrido uma crise de identidade com a constante alteração de preços, muito por culpa da crise económica que paira sobre a Europa. Muitos são aqueles que começam a duvidar que a sua qualidade se mantenha, pelos preços excessivamente baixos, que se têm praticado não só nas Farmácias, mas em todos os locais de venda de Medicamentos não sujeitos a receita médica. Tudo isto faz com que as Farmácias passem por momentos complicados no seio económico e na própria sociedade envolvente. O mercado Português deixou de ser apelativo mesmo para a indústria, pelos preços praticados e, assim, é necessário encontrar uma ponte entre a necessária diminuição da despesa pública com a saúde e a sustentabilidade das profissões da área da Saúde, já que tem havido um aumento do número de Farmácias, que apesar de terem as portas abertas, a falta de medicamentos impossibilita o seu funcionamento em pleno.

Palavras-chave: Medicamentos, Alteração de preços, Mercado Português, Farmácia, Locais de venda de Medicamentos não sujeitos a receita médica.

Abstract

Medicines have suffered an identity crisis with the constant change in prices, much due to the economic crisis that looms over Europe. Many are those who begin to doubt that their quality is maintained, by excessively low prices that have been practiced not only in pharmacies but at all points of sale of over the counter. All this makes pharmacies pass through difficult times economically and within society itself. The portuguese market has become less appealing even to industry by prices prevailing, so, it is necessary to find a bridge between the necessary reduction in public expenditure on health and sustainability of professions in the Health, since there has been an increase in the number of pharmacies that despite having the doors open, the lack of medicines preclude its operation in full.

Keywords: Drugs, Changing Prices, Portuguese Market, Pharmacy, Points of sale of products not subject to medical prescription.

I Introdução

A interação Farmacêutico-Utente sofreu ao longo dos anos uma mudança significativa, deixando de ser, uma simples dispensa de medicamentos e troca de informações entre ambos, passou a ser algo mais complexo. Devido à crise económica e financeira que a Europa atravessa, passou a ser necessário olhar não só para o utente, mas também para a farmácia e para a sustentabilidade da mesma. Trabalho árduo pela constante descida do preço dos medicamentos com o aparecimento dos genéricos e com as alterações legislativas que o próprio governo se vê obrigado, desde o estabelecimento do Memorando de Entendimento sobre as Condições de Política Económica entre Portugal e o Fundo Monetário Internacional. (Brito, 2013)

Estamos perante uma crise não só económica, mas também uma crise de identidade tanto das próprias farmácias, como dos próprios profissionais de saúde que têm de fazer mais, com menos. Esse menos está muitas vezes implícito na incapacidade dos próprios laboratórios em produzir números suficientes de medicamentos para a procura. Além disso, começou a tornar-se mais viável a exportação em relação ao consumo interno. (Campos, 2014)

No que toca aos grossistas há uma crescente diminuição na distribuição, não só como contenção de custos, como também pela dificuldade que as farmácias têm no pagamento. Apesar de muitas vezes haver aumento do número de vendas na maioria dos medicamentos, a diminuição do seu custo e da margem que as farmácias obtêm da sua venda, leva a que se torne difícil o pagamento das suas obrigações e assim a recusa dos grossistas em fornecer os medicamentos necessários.

Apesar da grande confiança que os portugueses ainda depositam nas farmácias e naqueles que durante anos os satisfizeram como consumidores ativos de produtos farmacêuticos, os locais de venda de medicamentos não sujeitos a receita médica vieram ajudar nas dificuldades que as farmácias apresentam muito pelos preços mais acessíveis que se praticam nestes locais. (Teste Saúde, 2013)

Com a constante diminuição do preço dos medicamentos encontramos diferentes tipos de público, aquele que pelas dificuldades financeiras aceita o medicamento mais barato que estiver disponível (normalmente genérico), muitas vezes não acreditando no seu efeito, mas que pelas dificuldades não tem poder de escolha. Outros acreditam que o medicamento genérico está de acordo com a definição que o *Decreto-Lei nº 176/2006, de 30 de Agosto, artigo 3.º, nº 1, alínea oo* nos indica: “medicamento com a mesma composição qualitativa e

quantitativa em substâncias ativas, a mesma forma farmacêutica e cuja bioequivalência com o medicamento de referência haja sido demonstrada por estudos de biodisponibilidade apropriados”. E, por último, temos ainda aqueles que não acreditam que um medicamento com preço tão reduzido apresente os mesmos benefícios farmacológicos que os restantes, recusando-se a levar esses medicamentos.

O presente trabalho pretende analisar a dificuldade que os farmacêuticos e médicos têm diariamente no contexto atual, económico e social, e da desconfiança que a sociedade ainda apresenta perante um objeto de grande importância que é o medicamento.

2 Despesa da Saúde em Portugal

2.1 Visão Global

Portugal tem passado por um período de grandes dificuldades económicas e financeiras muito por culpa da “ausência de disciplina financeira e de políticas económicas capazes de potenciar um crescimento sustentável e duradouro da economia”, tanto que, fomos forçados, pela necessidade de financiamento, a solicitar ajuda internacional em Abril de 2010.

Das muitas medidas a que fomos sujeitos, a redução da dívida pública e do défice foi o principal objetivo de todas as medidas entretanto postas em prática pelo Governo. Para que isso fosse possível, uma das áreas de despesa necessariamente reduzida foi a despesa total em Saúde nomeadamente a despesa em medicamentos. (Brito, 2013)

A constante inovação terapêutica e o crescimento e melhoramento do Serviço Nacional de Saúde foram benéficos para as populações como podemos verificar na Figura 1, em que a expectativa de vida à nascença sofreu uma evolução positiva desde 1960 até 2010 que passou de 63,9 anos para 80,8 anos.

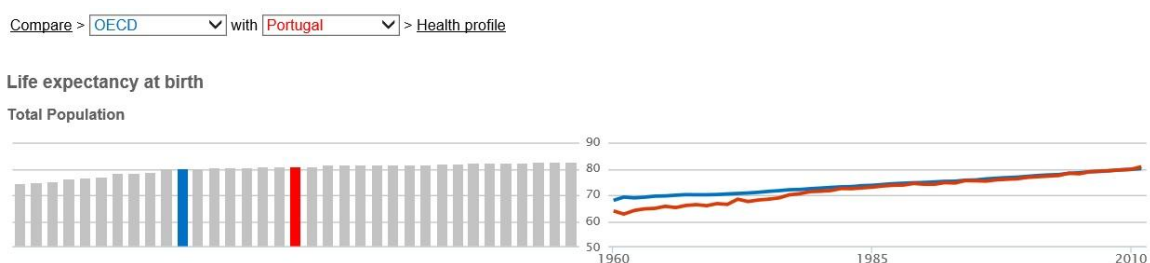


Figura 1- Expetativa de vida à Nascença
Fonte –OCDE

Foram várias as medidas que contribuíram para a redução dos encargos do SNS com os medicamentos nos últimos anos, mas é de 2010 para 2011 que ocorreu a maior alteração nos encargos suportados pelo SNS com uma redução de 315M€, segundo a ANF, e consequente aumento dos encargos dos utentes com os medicamentos em ambulatório. (ANF, 2013)

	Mercado Total		Mercado SNS ^(*)			
	Valor a PVP	Taxa de Crescimento	Valor PVP	Taxa de Crescimento	Encargos SNS	Taxa de Crescimento
2005	3.104.611.558	-	2.116.553.470	-	1.446.233.616	-
2006	3.161.767.218	1,8%	2.132.884.454	0,8%	1.422.858.089	-1,6%
2007	3.287.570.234	4,0%	2.163.862.567	1,5%	1.398.013.293	-1,7%
2008	3.353.040.217	2,0%	2.234.806.452	3,3%	1.467.354.690	5,0%
2009	3.321.438.272	-0,9%	2.282.478.203	2,1%	1.558.976.363	6,2%
2010	3.237.850.618	-2,5%	2.391.245.493	4,8%	1.640.521.715	5,2%
2011	2.942.598.470	-9,1%	-	-	1.328.451.413	-19,0%
	Unidade: EUR		Unidade: EUR		Unidade: EUR	

Figura 2- Análise do Mercado de Medicamentos no âmbito do Serviço Nacional de Saúde
Fonte: (Infarmed, 2011)

Segundo a Figura 2 desde 2008 tem havido uma diminuição na taxa de crescimento do mercado total, mas é de 2010 para 2011 que essa diminuição é mais acentuada chegando a valores muito próximos dos 10%. Relativamente aos encargos do SNS, o objetivo está a ser cumprido, com uma redução de 19% face ao ano anterior. Podemos então constatar, que as medidas tomadas foram efetivas para a redução. Como poderemos ver a seguir muitas das medidas tomadas não chegaram a atingir o seu potencial máximo relativo aos encargos do SNS.

2.2 Alterações legislativas pré MdE

Desde 2005 muitas foram as portarias e Decretos-Lei com principal objetivo alteração de margens ou preços de medicamentos face à necessidade de redução da despesa do SNS com os medicamentos e ainda facilitar o seu acesso aos utentes (ANF, 2013):

- Portaria n.º 618-A/2005, de 27 de Julho. Diário da República, 1ª Série- B, 143 – Redução administrativa de 6% no preço de todos os medicamentos e redução das margens da distribuição (Farmácias + Grossistas) para 26,60%;
- Lei n.º 53-A/2006, de 29 de Dezembro - Artigo nº 147 – Os preços de venda ao público (PVP) dos medicamentos participados são reduzidos em 6% e a redução das margens da distribuição (Farmácias + Grossistas) para 25,12%;

- *Portaria n.º 30-B/2007, de 5 de Janeiro, Infarmed* – Os preços de venda ao público (PVP) dos medicamentos comparticipados são reduzidos em 6%;
- *Decreto-Lei n.º 65/2007, de 14 de Março, Artigo 9.º, Infarmed* – Nova metodologia da formação dos preços dos novos medicamentos (preços de referência internacional); Redução do preço dos genéricos em função da evolução da quota de mercado. PVP dos novos medicamentos genéricos inferior a 35% do preço de referência ou 20% se menor que 10€;
- *Portaria n.º 1016-A/2008, de 8 de Setembro de 2006, Diário da República, 1.ª série - N.º 173* – PVP dos medicamentos genéricos, aprovados até 31 de Março de 2008, com PVP superior a 5€, são reduzidos em 30%;
- *Portaria n.º 1041-A/2010, de 7 de Outubro de 2010, Diário da República, 1.ª série - N.º 195* – Redução de 6% no PVP máximo dos medicamentos comparticipados.

Portugal foi obrigado a um conjunto de medidas, mas aquela que coincide com o período de redução referido no ponto 2.1, é o *Decreto-Lei 106-A/2010, de 1 de Outubro de 2010, Diário da República, 1ª série - N.º 192*. Tem como principal objetivo “*adotar regras mais justas no acesso aos medicamentos*”, para isso, há alteração no cálculo do preço de referência dos medicamentos, que passa a “*corresponder à média dos cinco medicamentos mais baratos existentes no mercado que integrem cada grupo homogéneo, e não, como sucedia até agora, corresponder ao medicamento genérico com preço de venda ao público mais elevado.*” Há ainda uma redução da comparticipação referente ao escalão A, de 95 para 90% e redução para 95% dos escalões especiais de comparticipação de 100%, que levava a um consumo excessivo e abusivo deste estatuto. Estas medidas visam combater o abuso, e, assim, garantir a sustentabilidade do SNS.

Antes disso as medidas mais significativas centraram-se na produção, comercialização, prescrição e dispensa de medicamentos genéricos. Numa fase inicial, o *Decreto-Lei n.º 81/90, de 12 de Março de 1990, Diário da República, 1.ª série - N.º 59* possibilitou a sua entrada no mercado português e, assim, iniciar uma campanha de promoção dos benefícios para os utentes e para a diminuição da despesa pública, mantendo a eficácia terapêutica dos seus similares de marca. Esta medida por si só não foi suficiente para que a cota de mercado aumentasse. A informação transmitida à população teve um efeito potenciador desta medida. As novidades podem ser vistas por estes com grande desconfiança, pelo próprio desconhecimento que existe. Foi necessário afastar esses medos e transmitir que a eficácia terapêutica está igualmente assegurada com estas alternativas, apesar de mais baratas.

Medidas para entregar ao utente a responsabilidade da opção por estes fármacos, só foram postas em prática após o MdE.

2.3 Alterações legislativa pós MdE

Decreto-Lei n.º 112/2011, de 29 de Novembro de 2011, Diário da República I.ª série - n.º 229 surge como das primeiras medidas a implementar no âmbito do MdE no qual se definiu que “o preço máximo de venda ao público do primeiro medicamento genérico a introduzir no mercado deverá ser igual ou inferior a 50 % do preço de produto de marca com o mesmo princípio ativo”, a única exceção refere-se a medicamentos com preço igual ou inferior a 10€. Nestes casos “o preço máximo de venda ao público do primeiro medicamento genérico a introduzir no mercado deverá ser igual ou inferior a 75 % do preço de produto de marca com o mesmo princípio ativo”. Foi alterado o sistema de referência de preços, baseando-se nos preços internacionais, alterando os países de referência. São definidos como países de referência aqueles que apresentam um PIB *per capita* comparável a Portugal.

Perante o Artigo 9.º do presente Decreto-Lei “os preços dos medicamentos genéricos abrangidos pela presente secção são objeto de revisão anual.” Contudo, este ano o preço dos medicamentos não serão revistos, porque “o nível médio de preços praticado para os medicamentos genéricos se situa abaixo dos preços máximos que resultariam da sua revisão” (Portaria n.º 367/2013, de 23 de Dezembro de 2013, Diário da República, I.ª série - n.º 248).

Outra das medidas de grande importância na redução do custo com medicamento é a necessidade de prescrição de genéricos em alternativa aos medicamentos de marca. Para isso foi aprovada a Lei n.º 11/2012, de 8 de Março de 2012, Diário da República, I.ª série - N.º 49, posteriormente regulamentada pela Portaria n.º 137-A/2012, de 11 de maio de 2012, Diário da República, I.ª série - N.º 92 onde está previsto a prescrição de medicamentos por denominação comum internacional, ou DCI, da substância ativa. Permite que o utente opte no ato da compra por um medicamento mais barato desde que dentro da mesma prescrição. Segundo a ANF esta medida gerou poupanças na ordem dos 533 milhões de euros para o estado. De Maio de 2012 para Agosto de 2013 houve um crescimento de 5,4 por cento da quota de mercado dos medicamentos genéricos, mas estes valores, ainda se encontram baixos se compararmos os valores de países como o EUA ou Inglaterra. Há assim uma margem grande de crescimento neste mercado. (ANF, 2013)

De 2010 a 2013 houve uma alteração de 541,3 milhões de € relativos às despesas do SNS em ambulatório que corresponde a uma redução na ordem dos 33%.

No mercado de medicamentos em ambulatório a redução chegou aos 862 milhões no mesmo período de tempo. Só foi possível com as consequentes medidas que os governos foram adotando durante o período referido. (ANF, 2013)

De referir por último um conjunto de medidas que têm o objetivo de alterar as regras de funcionamento do sector farmacêutico, com a diminuição das barreiras à entrada de medicamentos genéricos e à sua comparticipação e, ainda, a alteração da margem comercial das empresas distribuidoras para redução da despesa pública.

2.4 Análise das Alterações

Analisadas as alterações, podemos verificar que as medidas que atuaram no verdadeiro objetivo, diminuição da despesa do SNS com os medicamentos, foram postas em prática antes do MdE. Depois do MdE a medida de maior importância neste sentido foi a Lei n.º 11/2012 com poupanças na ordem dos 533 milhões de euros, como já referido anteriormente. Uma vez que a margem de crescimento é ainda grande, as poupanças podem ainda ser maiores que as verificadas. Esta medida tinha como principal objetivo, além da prescrição de medicamentos genéricos, de permitir ao consumidor optar por medicamentos genéricos, mais baratos comparativamente aos de marca, contudo, segundo a inspeção feita pelo Infarmed, a *“maioria dos doentes optou por não levar um dos cinco medicamentos com preço mais baixo.”* Foram realizadas 557 ações inspetivas a farmácias de oficina, onde foi possível verificar que *“em 56,9% dos casos (...) não foi dispensado o medicamento pertencente ao grupo dos 5 mais baratos do grupo homogéneo por ter sido exercício o direito de opção do utente”*. É neste ponto que pode haver uma evolução para que a poupança seja ainda maior. (Infarmed, 2013)

É preciso ter noção que muitas vezes, e segundo opinião do Bastonário da OF, estes medicamentos apresentam *“diferenças de cêntimos entre uns e outros e os doentes preferem pagar um pouco mais para levar o que estão habituados a tomar”*. Este tema levou a várias acusações por parte da Ordem dos Médicos, acusando os farmacêuticos e as farmácias de enganarem os doentes. Tudo isto proporcionou uma descredibilização do sector da saúde, mostrando à população as divergências presentes naqueles que se apresentam como responsáveis por este sector. (Barbosa, 2014)

3 Problemática da Dispensa de Medicamentos

3.1 Crise nas Farmácias

É no contexto de desconfiança, que muitos utentes apresentam, que é necessário abordar as dificuldades que as farmácias atravessam para dispensa de medicamentos segundo as suas necessidades e opções dos utentes.

Como referido anteriormente, em 2014 o preço dos medicamentos genéricos não serão revistos, porque se encontram abaixo do preço de referência. A diminuição constante do preço dos medicamentos tem duas vertentes. A primeira, pela facilidade de compra de medicamentos devido ao seu preço demasiado baixo e, assim, aumento das vendas em número de embalagens. A segunda, com a diminuição do lucro das farmácias, tanto pela diminuição de vendas de medicamentos de marca (mais caros que os genéricos), como pela diminuição do lucro que estas apresentam mesmo quando o número de embalagens vendidas aumentou.

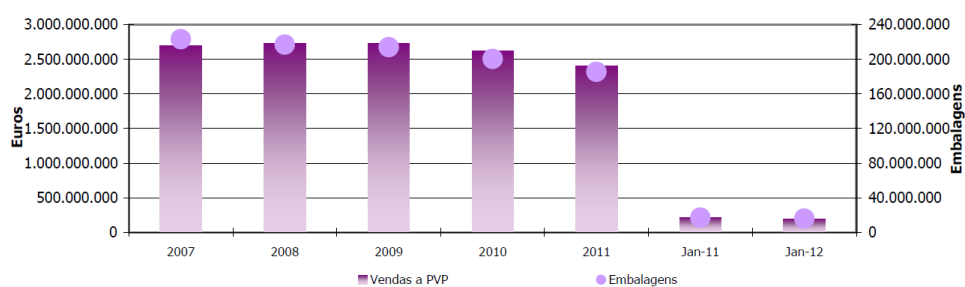


Figura 3- Mercado de Medicamentos de Marca
Fonte: (Infarmed, 2012)

A Figura 4 mostra a constante diminuição tanto em embalagens como em PVP de vendas de medicamentos de marca desde 2007 até 2011 comprovando assim a tendência dos utentes começarem a optar por medicamentos genéricos. No entanto, os valores ainda são consideravelmente elevados. Isto pode estar relacionado com vários fatores, nomeadamente a força que a marca tem sobre o próprio consumidor.

A falta de tempo dos consumidores faz com que a opção recaia na marca à qual se identificam, uma vez que transmite um risco reduzido na sua escolha e satisfaz as suas expectativas. Durante muitos anos as pessoas foram lidando com os medicamentos de marca e não com os genéricos, o que faz com que a incerteza no produto se mantenha e assim a opção recaia nos produtos aos quais estão habituados.

Se tivermos em atenção aqueles que confiam nos genéricos, a marca torna-se novamente um ponto fulcral na sua escolha. Apesar das pessoas saberem o que são

genéricos, há tendência de escolha por determinado laboratório, não havendo uma compra baseada na verdadeira definição de genérico e conseqüentemente do medicamento como medicamento. Há, então, em qualquer um dos casos, a análise do valor da marca associada ao valor do medicamento.

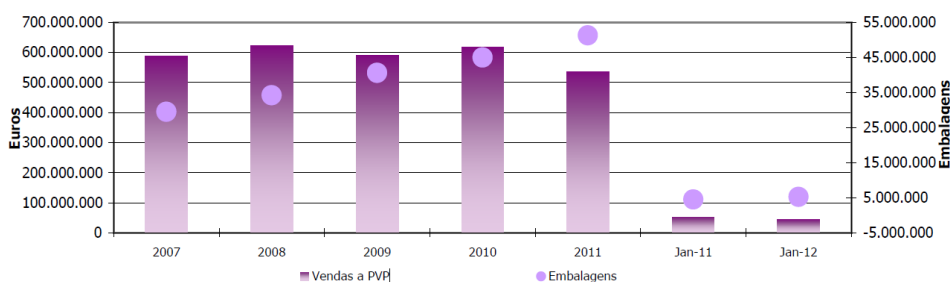


Figura 4- Mercado de Genéricos

Fonte: (Infarmed, 2012)

Podemos observar um crescente aumento das vendas de embalagens de genéricos ao longo dos anos, mas de 2010 para 2011 mesmo com um grande aumento, houve redução significativa das vendas a PVP mesmo com o crescente aumento de embalagens.

Esta situação por um lado permite verificar que as medidas têm vindo a atingir os objetivos com o aumento de venda de genéricos e diminuição dos gastos pelo SNS, mas por outro, leva a que o lucro que as farmácias obtêm seja reduzido. Para vendas superiores conseguem menos lucro. Estamos, então, perante um problema, a sustentabilidade das farmácias. Antes de surgirem os genéricos, o preço dos medicamentos era elevado, ao ponto de a venda de um único medicamento ser suficiente para cobrir, atualmente, a venda de dezenas de genéricos.

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2007	20,38	19,28	19,86	20,40	20,76	20,32	20,15	19,39	19,82	19,40	19,47	19,38
2008	19,53	19,40	19,40	19,53	19,61	19,75	19,87	19,15	19,00	15,63	14,99	14,70
2009	14,47	14,62	14,70	14,43	14,64	14,78	14,77	14,34	14,54	14,51	14,49	14,59
2010	14,70	14,87	14,75	14,88	14,92	14,73	14,15	12,87	13,07	12,47	12,26	12,05
2011	11,58	11,48	11,23	11,18	11,03	10,75	10,44	10,03	9,67	9,75	9,41	8,79
2012	8,51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Unidade: EUR

Figura 5 - Preço Médio Global

Fonte: (Infarmed, 2012)

Analisando apenas o mês de Janeiro desde 2007, o preço Médio Global de Medicamentos diminuiu para valores inferiores a metade do que se verificava. Diminuições na ordem dos 70% no preço dos medicamentos genéricos e de 10% nos de marca. Estes valores são indicativos das grandes dificuldades que o sector farmacêutico atravessa. Não só as farmácias; a Indústria e a distribuição são igualmente afetados. Além disso houve diminuição do lucro das farmácias em 3 pontos percentuais que dificulta a capacidade das farmácias em fazer frente às alterações de preços dos medicamentos. Podemos verificar que este caso ocorre no ano em que se verifica uma maior redução do preço médio global de medicamentos. “As Farmácias em Portugal são todas pequenas empresas, (...) na maior parte, são de um único farmacêutico. Portanto, a sua capacidade económica também é muito menor do que uma indústria ou distribuidora e as farmácias ressentiram-se desse fenómeno da baixa de preços de medicamentos.” (*Revista do Farmacêutico, 2013*)

Esta problemática leva-nos a olhar para outra vertente da crise nas farmácias:

- A falta de medicamentos;
- Incapacidade de dispensa dos medicamentos que os utentes exigem a preços aceitáveis para as suas carteiras.

3.2 Falta de medicamentos

Várias são as notícias que dão conta do agravamento no que toca à falta de medicamentos nas farmácias. Só em Dezembro de 2013 cerca de “cinco milhões de embalagens de fármacos” estavam em falta, sendo que, muitos deles eram genéricos. Segundo o secretário-geral da ANF, Nuno Flora “foi o pior mês de sempre”. Estes casos têm aumentado pela falta de interesse dos laboratórios num mercado em que o lucro se apresenta cada vez mais reduzido. Nas indústrias, a sustentabilidade está garantida, não pelo mercado interno, mas sim pela exportação. (*Campos, 2014*)

A Indústria farmacêutica portuguesa está em constante crescimento, mas o seu desenvolvimento não se encontra apenas dependente do mercado interno. É necessário crescer para dentro, não descurando o crescimento externo, que só foi possível com o aumento das exportações, passando a ser a sua fonte de rendimento. O sector farmacêutico foi aquele que mais exportou nos últimos anos, demonstrando assim a sua importância para a economia local. Apesar de tudo é dos países que apresenta um dos mais baixos investimentos no I&D e, assim, é possível perceber que as pequenas farmacêuticas tiveram de optar por outra via de crescimento. Nestes casos as empresas estão dependentes do mercado externo, nomeadamente do mercado Europeu. (*Santos, 2011*)

Para potenciar esta situação foi criada uma parceria público-privada entre a Apifarma, AICEP Portugal Global, Infarmed, IP e 15 farmacêuticas nacionais com três objetivos fundamentais:

- Promover e aumentar as exportações e a internacionalização da indústria farmacêutica portuguesa;
- Contribuir para a valorização dos produtos e serviços incorporando mais I&D;
- Criar e disseminar uma imagem de modernidade e qualidade que vá de encontro aos elevados padrões internacionais.

As exportações chegaram a ser a maior base de sustentação da indústria nacional e o mercado interno perdeu importância pela sua constante estagnação. Tudo isto reforça os problemas das farmácias de falta de medicamentos. Chegam às farmácias números muito reduzidos de medicamentos que não são suficientes para satisfazer as necessidades das populações e põem em risco o bom nome das mesmas e da própria profissão no processo de dispensa de medicamentos.

Um dos exemplos observáveis nos últimos meses foi a falta de vacinas da gripe, para as quais houve grande procura por parte das populações, mas que a diferença de 420 mil unidades entre o atual período de vacinação e o anterior demonstram o insuficiente abastecimento. Quem define a quota de distribuição por país são os laboratórios e a diminuição de unidades demonstra a falta de interesse que o mercado português apresenta para os laboratórios, muito por culpa das constantes alterações legislativas que se têm verificado e, conseqüente, a diminuição do preço dos medicamentos. As populações e o medicamento como meio preventivo deixam de ter a importância exigida, dando-se relevo ao cariz económico da indústria. (*Campos, 2014*)

As farmácias deixam de exercer a sua atividade em pleno, pela incapacidade de fazer frente às despesas dos fornecedores, pondo em causa não só elas mesmas, como os doentes que se veem privados de um serviço de extrema importância. Situação gravosa e com grandes conseqüências presentes e futuras para a sociedade.

Nos últimos meses o Infarmed optou algumas medidas de forma a tentar combater este problema. Segundo os resultados publicados, esta tendência tem vindo a diminuir. De Agosto de 2013 a Fevereiro de 2014 as notificações espontâneas totais passaram de 243 para 40 notificações. Redução de 203 notificações no total. (*Infarmed, 2014*)

3.3 Medicamento Online

Os Portugueses não gastam muito acima daquilo que se pratica pela Europa fora, no que concerne em gastos familiares com a saúde, mas recebem menos. É, então, perceptível a razão dos portugueses terem dificuldades em suportar os custos da saúde. (*Teste Saude, 2010*)

Deu-se início a um novo fenómeno que põe em causa a saúde das pessoas e a credibilidade do medicamento com as constantes falsificações a que os utentes estão sujeitos quando optam por fazer compras via internet e em algumas farmácias, onde alguns medicamentos já foram apreendidos por falsificação. Apesar de mais baratos em muitos casos, em cada 10 medicamentos 1 é falsificado e a maioria das pessoas que faz compras via internet fá-las em locais sem qualquer autorização de venda de medicamentos. (*Teste Saúde, 2010*)

Segundo dados da OMS de 2005 para 2006 houve um aumento na ordem dos 380% relativos à contrafação de medicamentos, que corresponde a 2,7 milhões de unidades de medicamentos e o principal meio de distribuição é a Internet. Estes casos apresentam principal relevo em áreas terapêuticas onde os preços de cada um dos medicamentos se torna mais elevado. É então necessário alertar as populações para este perigo, uma vez que poucos são aqueles que nos países desenvolvidos não utilizem diariamente esta ferramenta.

O Infarmed além da realização de ações de sensibilização e inquéritos via internet, realizou em 2008 uma investigação que consistiu na aquisição de 85 amostras de diferentes sítios da Internet não autorizados. Dessas 85 amostras, 79 (93%) eram contrafeitas apenas por comparação visual das embalagens primária e secundária e da forma farmacêutica. Numa fase inicial 34 amostras foram sujeitas a análise laboratorial e concluiu-se:

- Três tinham substâncias ativas diferentes;
- Quatro com dosagem inferior;
- Quinze apresentavam perfil de impurezas diferente ou acima do limite;
- Sete apresentavam dosagem inferior e perfil de impurezas diferente ou acima do limite;
- Apenas cinco cumpriram os parâmetros analisados.

É por isso necessário ter noção da necessidade de compra de medicamentos em locais apropriados apesar de preços mais elevados. O benefício financeiro pode não compensar o risco que estas substâncias apresentam para o utente e põe em risco a saúde de quem arrisca a sua compra. (*Infarmed, 2008*)

Está a decorrer via internet um questionário do Infarmed para avaliar a aquisição de medicamentos por aquela via em Portugal. Este tipo de iniciativas torna-se importante para perceber a magnitude deste problema no país.

4 Análise Empírica

A importância que os medicamentos têm na despesa do estado em saúde teve grande relevância nas medidas tomadas ao longo dos anos com a constante redução de preços, alteração de participações, redução das margens que as farmácias obtêm com a venda de medicamentos e sobretudo com o aumento da prescrição e dispensa de medicamentos genéricos.

Atendendo a esta situação, é essencial perceber opiniões dos profissionais de saúde diretamente ligados à prescrição e dispensa de medicamentos sobre esta temática de forma a tentar obter informações mais fundamentadas sobre a confiança nos medicamentos relativamente aos preços praticados.

A metodologia consistiu na recolha de dados através de dois inquéritos, preenchidos de forma anónima pelas duas classes de profissionais de saúde inquiridos.

4.1 Inquéritos por Questionário

A análise empírica consiste na recolha de dados a partir de pessoas que têm conhecimento sobre o tema. Foi neste âmbito que o estudo foi realizado a médicos, farmacêuticos e técnicos de farmácia com o intuito de perceber qual a visão destes profissionais sobre a confiança que apresentam sobre os medicamentos, tendo por base, a constante redução de preços que têm sofrido.

Foram realizados dois inquéritos dirigidos a farmacêuticos e médicos, tendo a sua aplicação decorrido durante o mês de abril. Os participantes são indivíduos de ambos os sexos. Estes são anónimos e avaliam questões sobre a confiança e aceitação, que os profissionais de saúde em questão, apresentam relativamente a medicamentos, com preços exageradamente reduzidos, e o feedback que os utentes expressam quando lhes são apresentados durante a prescrição e dispensa. Para a sua criação foi utilizado o “Google Drive”. Ferramenta do Google que permite a conceção de inquéritos de forma simples e rápida para fácil entrega através do correio eletrónico ou partilhando nas redes sociais para que um maior número de pessoas sejam abrangidas.

Foram aplicados a farmacêuticos e médicos recorrendo à internet para haver possibilidade de serem abrangidos um maior número de profissionais de saúde num curto

espaço de tempo. É composto por questões de escolha múltipla, escolha única e questões de resposta aberta. Do estudo referido, fizeram parte 173 inquiridos divididos entre 149 farmacêuticos e técnicos de farmácia e 24 médicos. Optei por selecionar as questões que me pareceram de maior importância, não descurando do valor do contributo das questões não analisadas para a finalidade do estudo a que me propus.

4.2 Resultados

4.2.1 Farmacêuticos

A amostra consistiu em 149 farmacêuticos e técnicos de farmácia com idades compreendidas entre os 23 e os 70 anos de idade. O estudo, realizado *online*, não teve locais de recolha de informação específicos, tornando o estudo mais heterogéneo.

A perceção que os farmacêuticos e técnicos têm, relativo ao benefício, ou não, que a redução do preço dos medicamentos acarreta para os utentes, farmácias, estado, armazenistas e indústria está patente nas respostas dadas:

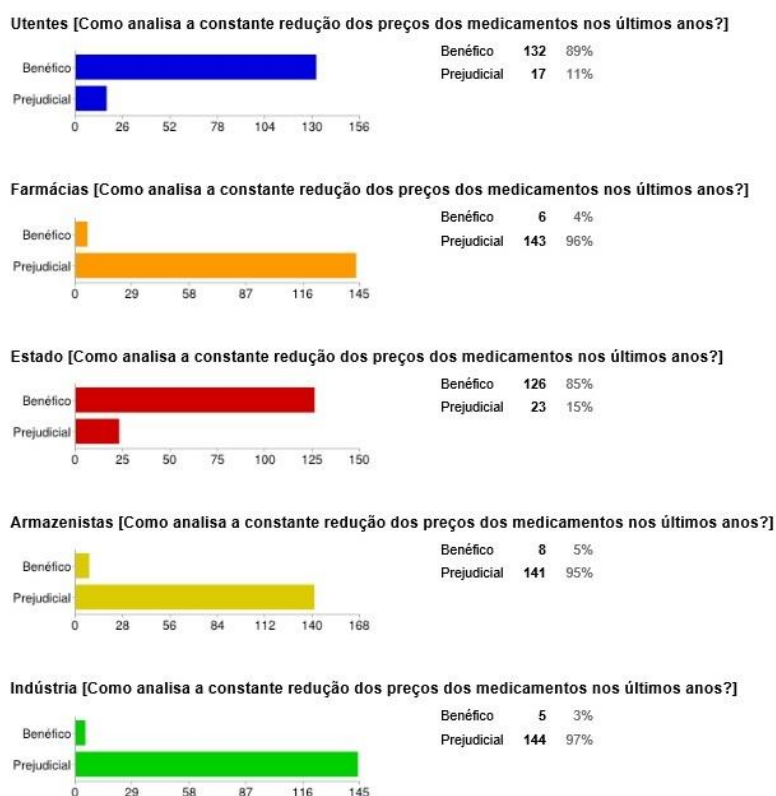


Figura 6- Relação benefício/prejuízo da redução do preço dos medicamentos para as diferentes entidades.

A informação apresentada na figura 6 permite verificar que a redução que se tem verificado nos últimos anos no preço dos medicamentos só é considerada benéfica para os utentes (89%) e para o estado (85%). Em contrapartida, as farmácias, a indústria e os

armazenistas sofrem com este fenómeno. Apenas uma pequena percentagem dos inquiridos não consideram prejudicial para estas entidades.

Relativamente à confiança geral que os farmacêuticos apresentam na hora da dispensa de medicamentos genéricos em detrimento dos medicamentos de marca, mais caros.

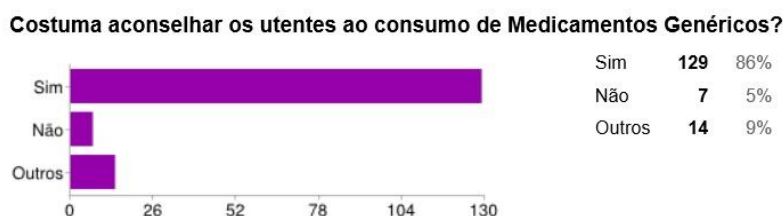


Figura 7- Aconselhamento de medicamentos genéricos pelos farmacêuticos.

Apesar de a maioria responder afirmativamente, 86% (129) dos inquiridos, as respostas são bastante variadas quando confrontados com a venda de medicamentos de preços extremamente reduzidos, nomeadamente de medicamentos genéricos. Focamo-nos essencialmente nos medicamentos genéricos, uma vez que é neles que têm incidido as constantes medidas de redução do preço dos medicamentos.

Encontramos três tipos de respostas distintas: aqueles que confiam nos medicamentos, independentemente do preço que apresentam, os que afirmam não acreditar na qualidade de medicamentos que apresentam preços irrisoriamente baixos e aqueles em que, a decisão está dependente de alguns fatores como o princípio ativo ou o fabricante.

Iniciando por aqueles que acreditam na qualidade do medicamento, independentemente do preço praticado, a justificação está relacionada principalmente com as entidades responsáveis por aprovar autorizações de introdução no mercado, que nunca iriam aprovar a sua venda se esses medicamentos não tivessem as qualidades necessárias. A justificação utilizada por outro farmacêutico é que o medicamento é sinónimo de qualidade, eficácia e segurança. Há, porém, quem refira que medicamentos com o mesmo PA têm valor farmacológico igual independentemente do valor de mercado. O facto de alguns medicamentos genéricos serem produzidos nos mesmos locais que os medicamentos de marca aumenta a confiança. A nível financeiro, os valores praticados para alguns dos inquiridos são apenas estratégias comerciais da marca e não haveria candidaturas à produção de genéricos se o mercado não fosse lucrativo para os laboratórios. De referir, ainda, a ideia de um farmacêutico sobre a falta de bases científicas que justifiquem a falta de qualidade destes medicamentos.

A maioria dos inquiridos responde negativamente à questão. As razões são muito variadas e podemos enumerar algumas:

- Falta de lucro para a indústria o que torna o mercado pouco apelativo. Exemplo das “Sinvastatinas”, anteriormente com custos médios de 50€ e neste momento custam em média 3€;
- Falta de confiança em medicamentos como por exemplo: Paracetamol+Tramadol a 70 cêntimos;
- “Nem todos os genéricos têm o efeito pretendido”;
- Preços que nem pagam a embalagem do medicamento;
- Medicamentos a custar menos que um pacote de pastilhas;
- Preços tão baixos que desvalorizam o produto como medicamento;
- Devido a variáveis na produção por corte de aspetos importantes;
- Os únicos estudos requeridos são de Biodisponibilidade e de Bioequivalência muitas vezes dispensados na AIM;
- Questões sobre a relação entre a redução do preço e a qualidade de PA e excipientes utilizados;
- Falta de informação sobre a proveniência de matérias-primas e percentagem de desvios em teor de PA;
- Notou diferença na toma e houve casos de medicamentos sem PA.

O terceiro grupo responde de forma condicionada à questão. A opinião está dependente do laboratório e do PA. Relativamente ao PA, a furosemida é a que suscita maior dúvida para os inquiridos deste grupo. Apontam também para antibióticos e medicamentos que atuam no sistema nervoso central como medicamentos dos quais não têm confiança quando o preço não é aceitável. Analogamente foram referidas as constantes circulares do Infarmed, num curto período de tempo, que aumentam a desconfiança que os profissionais de saúde apresentam relativamente às entidades referidas nessas circulares. Os casos de suborno de inspetores e troca de lotes com fábricas vizinhas, não certificadas na Índia, foram também referidos. A resposta mais curiosa por parte de um farmacêutico está relacionada com o tipo de preço a que nos referimos. Para PVP baixo há algumas reservas na qualidade, mas como profissional de saúde é “obrigado a confiar nas autoridades”. A escolha vai assim recair no laboratório. Se for português, confia. Se não, a confiança não é a mesma. Quando temos em conta o preço pós-comercialização, há uma certa desconfiança por parte do utente, mas devido aos problemas económicos, estes optam por levar esses

medicamentos e o farmacêutico fornece porque, mais uma vez, é obrigado a confiar nas autoridades e está em jogo a imagem do farmacêutico.

Como prova disso temos o feedback que os utentes transmitem dando-nos ideia daquilo que os utentes pensam relativamente aos medicamentos de baixo custo.

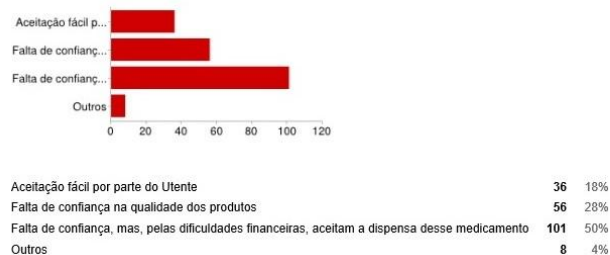


Figura 8- Feedback transmitido pelo utente para medicamentos de preço demasiado reduzido.

Na **figura 8** 28% assinalaram a opção de que os utentes não acreditam na qualidade do produto quando este tem preço reduzido e 50% diz, que os utentes apenas levam estes medicamentos pelas dificuldades financeiras que apresentam.

Segundo o Infarmed 50% dos utentes optam por medicamentos de marca em detrimento dos medicamentos genéricos mais baratos. Segundo os farmacêuticos e técnicos a justificação está patente nas 124 respostas na opção “Falta de confiança na qualidade dos produtos”.

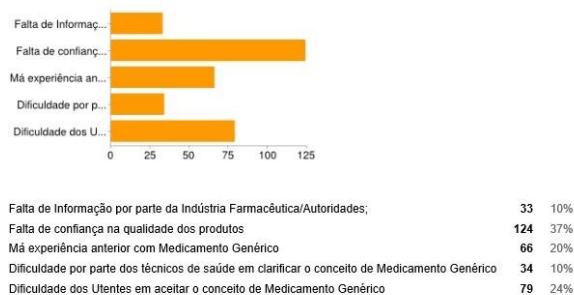


Figura 9- Motivos dos utentes para preferirem medicamentos de marca em detrimento dos genéricos mais baratos.

Novamente a maioria dos inquiridos refere a falta de confiança na qualidade dos produtos como o principal motivo da não opção por medicamentos genéricos mais baratos.

4.2.2 Médicos

Uma segunda parte da análise avalia a perceção de médicos. Foram realizados 24 inquéritos *online* a médicos, sem preferência de locais de trabalho ou especialidades, de forma a obter resultados heterogéneos.

Contrariamente ao que se verifica no seio farmacêutico sobre a relação entre a constante diminuição do preço dos medicamentos e a sua descredibilização as respostas são,

na maioria, indicativas da confiança que os médicos têm nos medicamentos independentemente do preço. Apenas três respostas foram afirmativas nesta questão. Para aqueles que responderam não, as justificações prendem-se sobretudo na acessibilidade que os utentes têm perante medicamentos de preços elevados quando a grande maioria necessita da sua toma de forma crónica.

Uma das medidas para redução da despesa em saúde, nomeadamente na despesa com medicamentos, foi o incentivo à prescrição e dispensa de medicamentos genéricos por parte de médicos e farmacêuticos, respetivamente. Foi-lhes então colocada a seguinte questão de resposta aberta: “Concorda que a prescrição de genéricos pode ser uma forma apropriada de redução dos custos na saúde?”. As respostas que apresentam justificação são a seguir apresentadas:

- Efeito terapêutico não é o pretendido, necessitando-se de doses maiores para obter o mesmo efeito e assim o preço acaba por ser superior;
- Depende do medicamento em causa;
- O que diminui o preço do medicamento é a diminuição do custo da molécula ao estado e não redução do preço dos medicamentos;
- Apenas se isso não colocar entraves à própria saúde;
- “Por definição, genérico tem que ter no mínimo 80% do PA do fármaco original. Imaginemos que uma pessoa tem que tomar 20mg de um PA 3 vezes por dia. Com o original tem-se a certeza que toma 60mg. Com o genérico com 80% apenas tomará 48mg do mesmo. Se a janela terapêutica for de 50mg com o genérico não se atinge o efeito desejado.”
- Desde que seja mantida a qualidade da terapêutica;
- Nota-se que os medicamentos genéricos não têm a mesma qualidade dos fármacos de “marca”. Nota diferenças em Anestesia (menor eficácia e mais efeitos adversos) e sabe que ocorre o mesmo em oncologia. “Logo, aplica-se a sabedoria popular “vai-te embora ganância, que dás prejuízo”.

No que toca aos entraves à prescrição de medicamentos genéricos segundo a classe médica inquirida.

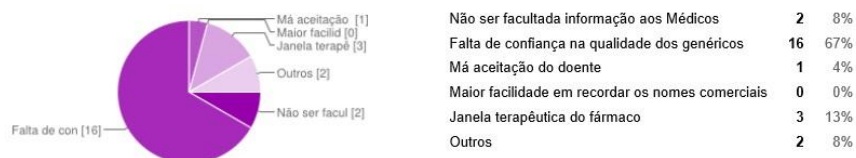


Figura 10- Entraves à prescrição de medicamentos genéricos.

Neste caso a opinião dos médicos está de acordo com o que já tinha sido verificado nas respostas de farmacêuticos e técnicos. Mais uma vez a falta de confiança é a justificação maior para a não opção por medicamentos genéricos. Neste ponto não está implícita a não prescrição dos mesmos mas apenas um dos entraves à não total prescrição de medicamentos genéricos. Para responder a esta questão da prescrição, ou não, a **figura 11** mostra que dos 24 médicos inquiridos 63% (15 médicos) aconselham o consumo de medicamentos genéricos e 25% (6 médicos) não aconselham os utentes a optarem por medicamentos genéricos.

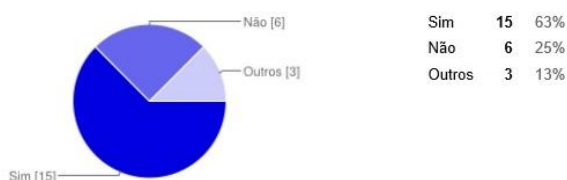


Figura 11- Aconselhamento de medicamentos genéricos.

Perante esta questão há ainda algum trabalho no sentido de que todos os médicos confiem nos medicamentos de baixo custo, nomeadamente os genéricos para que estes sejam mais facilmente aceites e prescritos pelos médicos. Esta é apenas uma pequena amostra representativa desta classe de profissionais de saúde, não sendo possível concluir de forma clara se os objetivos do estado estão a ser largamente implantados.

5 Conclusão

Para finalizar fica a grande questão: A constante diminuição do preço dos medicamentos, que chegam a atingir preços irrisórios, leva à descredibilização do medicamento e dos próprios profissionais de saúde?

Como foi possível verificar, o caminho seguido pelo Estado foi no sentido de reduzir a despesa total em saúde, nomeadamente a despesa com medicamentos. Neste sentido podemos dividir no tempo as medidas tomadas. Antes do MdE estas estavam principalmente relacionadas com a diminuição do preço dos medicamentos, redução das margens das farmácias e distribuição e alteração das participações. Após o MdE foram no sentido de entregar ao utente a responsabilidade da opção pelos fármacos de “marca” ou genéricos.

Todo este percurso culminou em ideias divergentes no seio dos profissionais de saúde. Não só entre médicos e farmacêuticos, como também, dentro de cada um desses grupos de profissionais as opiniões não são consensuais.

Não se trata apenas das repercussões que estas medidas tiveram para a crise atual quer nas farmácias, como na indústria e distribuição mas, também, na ideia com que os utentes e profissionais de saúde têm perante medicamentos com preços extremamente baixos. Uma das respostas aos questionários demonstra isso mesmo: “Doentes chegam a fazer troca”. Alguns chegaram a relacionar estas situações com a descredibilização que isto provoca tanto para o medicamento como para o próprio farmacêutico. Há assim uma “banalização do medicamento pelo utente”.

O profissional de saúde deveria ser quem melhor acredita no produto que prescreve ou dispensa mas, acaba por ser, segundo os inquéritos realizados, o primeiro a duvidar da qualidade terapêutica do medicamento. Podemos concluir que o medicamento atravessa uma crise de identidade e uma desvalorização no seio da sociedade. Esta desconfiança está visivelmente presente nos medicamentos genéricos, muitas vezes só sendo opção para aqueles que não têm capacidade financeira para os medicamentos de “marca”.

A classe farmacêutica na sua maioria tem receio destes medicamentos, principalmente, quando estão perante determinados princípios ativos ou laboratórios. A quase obrigatoriedade em acreditar nas entidades reguladoras leva à dispensa de alguns medicamentos para os quais a confiança não está assegurada, apenas para que a imagem do farmacêutico não seja posta em causa perante o utente que opta por esse medicamento.

Outros acreditam em pleno nos medicamentos, independentemente do preço que apresentam ou pela falta de evidências científicas ou, apenas, por acreditarem que as entidades realizam o seu trabalho de forma cuidada e precisa não estando em causa a saúde dos utentes.

Por fim, resta ainda referir que apesar de a maioria dos médicos inquiridos afirmarem que aconselham a toma de medicamentos genéricos aos seus doentes, pela acessibilidade que estes permitem em casos de tratamentos crónicos dispendiosos, quando questionados sobre a qualidade dos genéricos muitos são aqueles que põem em causa a sua eficácia comparativamente ao fármaco de “marca”.

6 Bibliografia

ANF - **Genéricos pouparam 553 milhões desde a entrada em vigor da prescrição por DCI | RCM Pharma - Marketing Farmacêutico** [Em linha], atual. 2013. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.rcmpharma.com/actualidade/politica-de-saude/25-09-13/genericos-pouparam-553-milhoes-desde-entrada-em-vigor-da-pres>>.

ANF, Cefar (centro de estudos e avaliação em saúde) - **Dados Despesa** [projecção visual]. [2013]. 4 diapositivos.

BARBOSA, Maurício - Entrevista ao Bastonário da Ordem dos Farmacêuticos. **Jornal Notícias**. [Em linha]2014). 8,9. [Consult. 13 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://www.ordemfarmaceuticos.pt/xFiles/scContentDeployer_pt/docs/articleFile1131.pdf>.

BRITO, João - **A Política do Medicamento em Portugal Durante o Programa de Ajustamento Económico e Financeiro**. [S.l.] : Universidade Técnica de Lisboa, 2013. 45 f.

CAMPOS, Alexandra - Falta de medicamentos nas farmácias esta a agravar-se e muitos são genéricos. **Público**. 2014) 5.

Decreto-Lei 106-A/2010, de 1 de Outubro de 2010, Diário da República, 1ª série - N.º 192 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/097B26E2-1543-4B4E-BA26-FA0785B4A0CE/0/DecLei106politicamedicamento.pdf>>.

Decreto-Lei n.º 65/2007, de 14 de Março, Artigo 9.º, Infarmed - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:https://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/LEGISLACAO/LEGISLACAO_FARMACEUTICA_COMPILADA/TITULO_III/TITULO_III_CAPITULO_V/083-G_DL_65_2007_3ALT.pdf>.

Decreto-Lei n.º 81/90, de 12 de Março de 1990, Diário da República, 1ª série - N.º 59 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:[http://www.apogen.pt/conteudos/uploads/Ficheiros/Medicamentos Genéricos/DLn819012demaro.pdf](http://www.apogen.pt/conteudos/uploads/Ficheiros/Medicamentos%20Gen%C3%A9ricos/DLn819012demaro.pdf)>.

Decreto-Lei nº 112/2011, de 29 de Novembro de 2011, Diário da República 1.ª série - n.º 229 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://dre.pt/pdf1sdip/2011/11/22900/0510405108.pdf>>.

Decreto-Lei nº 176/2006, de 30 de Agosto, artigo 3.º, nº 1, alínea oo, Infarmed - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:https://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/LEGISLACAO/LEGISLACAO_FARMACEUTICA_COMPILADA/TITULO_III/TITULO_III_CAPITULO_I/035-E_DL_176_2006_VF.pdf>.

INFARMED - **Contrafacção de Medicamentos** [Em linha], atual. 2008. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/IMPrensa/DOSSIER_IMPrensa/DOSSIERS_TEMATICOS/Dossier_Imprensa_Investigacao_Medicamentos_Contrafeitos.pdf>.

INFARMED - Análise do Mercado de Medicamentos, no âmbito do Serviço Nacional de Saúde, em Ambulatório [Em linha], atual. 2011. [Consult. 29 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/MONITORIZACAO_DO_MERCADO/OBSERVATORIO/ANALISE_MENSAL_MERCADO/MEDICAMENTOS_AMBULATORIO_2/Análise do mercado de Medicamentos no âmbito do Serviço Nacional/2011/Rel-SNS-201112-Net.pdf>.

INFARMED - Mercado Total e Mercado de Medicamentos Genéricos [Em linha], atual. 2012. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/MONITORIZACAO_DO_MERCADO/OBSERVATORIO/ANALISE_MENSAL_MERCADO/MEDICAMENTOS_GENERICOS_MESES_ANTERIORES/2012/Rel-Gen-201201-Net.pdf>.

INFARMED - Maioria dos doentes optou por não levar um dos cinco medicamentos com preço mais baixo [Em linha], atual. 2013. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.ordemfarmaceuticos.pt/scid/ofWebInst_09/defaultArticleViewOne.asp?articleID=7397&categoryID=1492>.

INFARMED - Falta de Medicamentos nas Farmácias: Medidas e Resultados dos últimos seis meses [Em linha], atual. 2014. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.infarmed.pt/portal/pls/portal/docs/1/9800299.PDF>.

Lei n.º 11/2012, de 8 de Março de 2012, Diário da República, 1.ª série - N.º 49 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://dre.pt/pdf1s/2012/03/04900/0097800979.pdf>.

Lei n.º 53-A/2006, de 29 de Dezembro - Artigo nº 147 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=904A0147&nid=904&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=#artigo>.

OCDE - Life Expectancy at Birth [Em linha] [Consult. 29 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://www.compareyourcountry.org/health/index.php>.

Portaria n.º 137-A/2012, de 11 de maio de 2012, Diário da República, 1.ª série - N.º 92 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:http://dre.pt/pdf1s/2012/05/09201/0000200007.pdf>.

Portaria n.º 30-B/2007, de 5 de Janeiro, Infarmed - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em

WWW:<URL:https://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/LEGISLACAO/LEGISLACAO_FARMACEUTICA_COMPILADA/TITULO_III/TITULO_III_CAPITULO_V/102-C_Port_30-B_2007_VF.pdf>.

Portaria n.º 367/2013, de 23 de Dezembro de 2013, Diário da República, I.ª série - n.º 248 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<https://dre.pt/pdf1sdip/2013/12/24800/0693806938.pdf>>.

Portaria n.º 618-A/2005, de 27 de Julho. Diário da República, I.ª Série- B, 143 - [Em linha] [Consult. 29 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.catalogo.min-saude.pt/CTAP/downloads/docs/PORT618A3.pdf>>.

Portaria n.º 1016-A/2008, de 8 de Setembro de 2006, Diário da República, I.ª série - N.º 173 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://dre.pt/pdf1s/2008/09/17301/0000200002.pdf>>.

Portaria n.º 1041-A/2010, de 7 de Outubro de 2010, Diário da República, I.ª série - N.º 195 - [Em linha] [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://www.sg.min-saude.pt/NR/rdonlyres/B9EBB192-952E-4C97-94FD-6B54A9F75A58/23712/portaria1041A_2010.pdf>.

REVISTA DO FARMACÊUTICO - **A farmácia d'além mar** [Em linha], atual. 2013. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:http://www.ordemfarmaceuticos.pt/xFiles/scContentDeployer_pt/docs/articleFile1132.pdf>.

SANTOS, José - **A Competitividade das Exportações da Indústria Farmacêutica Portuguesa**. [S.l.] : Universidade Técnica de Lisboa, 2011.

TESTE SAÚDE, Revista - Fatura pesada na carteira. n.º 83. [Em linha]2010). 10,11. [Consult. 30 may. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.deco.proteste.pt/revistas/testesaude/2010>>.

TESTE SAÚDE, Revista - Falsificação na Rede. n.º 86. 2010). 22, 23.

TESTE SAÚDE, Revista - Preços Disparam. n.º 74. 2013). 74:Medicamentos Sem Receita 22,23.

ANEXOS

Anexo I – Inquérito por Questionário (Farmacêuticos)

Farmacêuticos

27. **Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos? ***
Marcar apenas uma oval por linha.

	Benéfico	Prejudicial
Utentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Farmácias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Armazenistas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Indústria	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

28. **Costuma aconselhar os utentes ao consumo de Medicamentos Genéricos? ***
Marque todas que se aplicam.

- Sim
 Não
 Outro:

29. **A confiança, como profissional de saúde, num medicamento que apresenta um preço extremamente reduzido (de alguns cêntimos) é a mesma, relativamente a um medicamento mais caro com a mesma substância ativa (medicamento genérico ou de marca)? ***

.....
.....
.....
.....

30. **Considera que os utentes estão sensibilizados para as vantagens do medicamento genérico? ***
Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não Sabe

31. **Tendo por base a crise económica e financeira que o País atravessa era de prever um aumento das vendas de medicamentos mais baratos, no entanto, segundo os estudos do Informed mais de 50% dos utentes preferem medicamentos mais caros. Na sua perspetiva, quais são os motivos? ***
Marque todas que se aplicam.

- Falta de Informação por parte da Indústria Farmacêutica/Autoridades;
 Falta de confiança na qualidade dos produtos
 Má experiência anterior com Medicamento Genérico
 Dificuldade por parte dos técnicos de saúde em clarificar o conceito de Medicamento Genérico
 Dificuldade dos Utentes em aceitar o conceito de Medicamento Genérico

32. **Que feedback obtém da parte dos utentes quando lhes é apresentado um medicamento com preço demasiado reduzido? ***
Marque todas que se aplicam.

- Aceitação fácil por parte do Utente
 Falta de confiança na qualidade dos produtos
 Falta de confiança, mas, pelas dificuldades financeiras, aceitam a dispensa desse medicamento
 Outro:

33. **Até há bem pouco tempo era possível verificar que muitos medicamentos apresentavam preços elevadíssimos para a população em geral. A confiança que demonstram hoje em dia perante a acessibilidade dos mesmos (genéricos ou não) foi alterada pelo utente? ***
Marque todas que se aplicam.

- Sim
 Não
 Outro:

Pare de preencher este formulário.

Anexo 2 – Inquérito por Questionário (Médicos)

Médicos

34. "A constante diminuição do preço dos medicamentos leva a uma descredibilização do medicamento". Poder-se-á afirmar que estas duas realidades se verificam? *

.....
.....
.....
.....
.....

35. Segundo o INE, o número de indivíduos que procurou ajuda médica nos últimos anos tem aumentado. Como avalia a pertinência da procura de ajuda médica por parte da população? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5
Pouco Pertinentes Muito Pertinentes

36. Este aumento de procura por ajuda médica leva a um aumento da despesa pública com a saúde nomeadamente no consumo de medicamentos. Concorda que a prescrição de genéricos pode ser uma forma apropriada de redução dos custos na saúde? *

.....
.....
.....
.....
.....

37. Segundo um estudo, "devem ser concebidos incentivos no sentido de os médicos prescreverem medicamentos de baixo custo, a não ser que o medicamento originador, mais caro, seja necessário por razões terapêuticas". Na sua opinião, quais são os entraves à prescrição dos Medicamentos Genéricos? *

Marcar apenas uma oval.

- Não ser facultada informação aos Médicos
 Falta de confiança na qualidade dos genéricos
 Má aceitação do doente
 Maior facilidade em recordar os nomes comerciais
 Janela terapêutica do fármaco
 Outro:

38. Costuma aconselhar os utentes ao consumo de Medicamentos Genéricos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Outro:

39. Qual o grau de confiança relativamente à eficácia dos medicamentos genéricos? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5
Baixa Alta

40. Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Benéfico	Prejudicial
Utentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Farmácias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Armazenistas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Indústria	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

41. Considera que os utentes estão sensibilizados para as vantagens do medicamento genérico? *

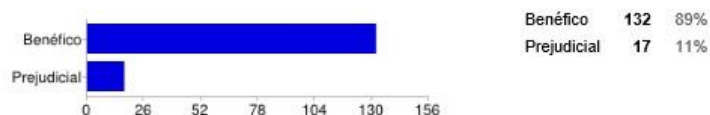
Marque todas que se aplicam.

- Sim
 Não
 Outro:

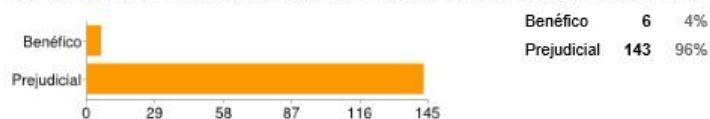
Anexo 3 – Respostas aos Inquéritos por Questionário (Farmacêuticos)

Farmacêuticos

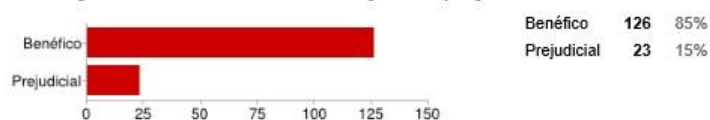
Utentes [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



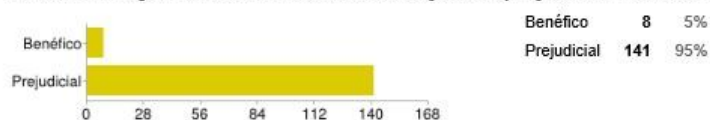
Farmácias [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



Estado [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



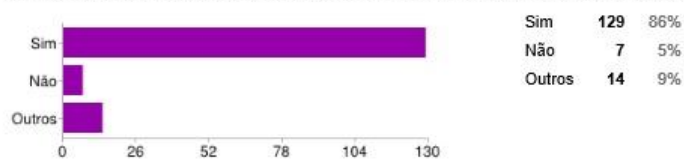
Armazenistas [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



Indústria [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



Costuma aconselhar os utentes ao consumo de Medicamentos Genéricos?



A confiança, como profissional de saúde, num medicamento que apresenta um preço extremamente reduzido (de alguns cêntimos) é a mesma, relativamente a um medicamento mais caro com a mesma substância activa (medicamento genérico ou de marca)?

- “Sinceramente, a confiança não é definitivamente a mesma. Pois quando comecei a trabalhar as "sinvastatinas" tinham um custo médio de 50 euros e hoje custam cerca de 3 euros em média. Tendo trabalhado na Indústria não consigo prever lucro para a esta em Portugal visto sermos um mercado relativamente pequeno. Desconfio em Portugal dos preços erosivos e de cêntimos. Não consigo associar alguma qualidade a um tramadol com paracetamol a custar 70 cêntimos.”
- “Não, não é a mesma confiança. E por experiência comprova-se que nem todos os genéricos têm o efeito pretendido.”
- “Não sei”
- “Como farmacêutico acredito que medicamentos com a mesma substância activa possuem, de uma forma geral, o mesmo valor farmacológico para o utente, independentemente do seu valor no mercado. Depende do laboratório.”
- “Mais uma vez depende da substância activa em questão.”
- “Completamente”
- “Sim, no medicamento está sempre garantida qualidade, eficácia e segurança.”
- “Sim, é a mesma, embora existam sempre alguns laboratórios menos conhecidos sobre os quais gostaria de conhecer melhor os procedimentos de forma a conseguir confiar mais neles...”
- “NÃO”
- “Na maior parte das vezes sim.”
- “Sim, pois caso contrário o INFARMED não aprovaria a sua autorização de introdução no mercado.”
- “Sim, excepto alguns casos específicos em que pelo o feedback dos utentes me leva a desaconselhar um ou outro genérico.”
- “Sim”
- “Depende das marcas. Mas se tudo for produzido com a devida qualidade e seguir as GMP, então sim, terá a mesma confiança.”
- “Não”
- “SIM”
- “Não”
- “Não!”
- “Não, principalmente quando o preço é tão baixo que nem paga o cartão da embalagem...”
- “Sim. Até porque muitas vezes são feitos exactamente no mesmo local. Ex: Aurobindo que faz genericos próprios tem concessionada a quase totalidade da produção da Pfizer.”
- “Sim, apesar de considerar que um doente não deve andar constantemente a trocar de genérico. Deve seguir com um, independentemente das variações de preço.”
- “Depende da diferença de preço e se estamos a falar de PVP ou de Preço pós-comparticipação (excluo da pergunta os preços de referência). Um preço pós-comparticipação tão ínfimo por vezes gera desconfiança na cabeça do utente, mas geralmente o utente que não se importa de tomar genérico confia porque a conjuntura socio-económica também não dá mais grande hipótese. Procura-se poupar onde se puder... No caso do PVP ser ele mesmo já tão baixo, como profissional sou obrigado a acreditar que as autoridades fazem o seu trabalho, e se o

utente o quer e posso realmente ter em stock, eu darei ao utente porque é a minha imagem e a dos meus colegas que está em causa. Se o utente não quiser, isso é outra história. Eu como utente, pessoalmente tenho algumas reservas sobre o grau de qualidade do produto se o PVP for já ele mesmo tão irrisório, sobretudo no caso da embalagem ter uma quantidade apreciável de unidades (por exemplo: 60 comprimidos custarem menos de 2,50€ de PVP). Dá que pensar... Uma vez mais sou obrigado a acreditar nas autoridades e na sua fiscalização, mas sabendo do caso da Ranbaxy na Índia... Nestes casos não consigo não ter reservas. Imaginando que é um Laboratório Português, confio. Se for estrangeiro, desconfio (ex.: Aurobindo). [Um aparte sobre a questão seguinte: os utentes sabem que o genérico é supostamente um medicamento igual ao de marca, mas a preço mais reduzido; isso é a principal vantagem que eles conhecem. Mas faz-lhes confusão quando abrem a caixa e vêem que o comprimido não é igual; não sabem do que está por trás do fabrico do medicamento genérico. Não sabem do facto de ter já a experiência do medicamento de marca no mercado por pelo menos uns 10 anos e da farmacovigilância acumulada; não sabem que é mais barato por não ter sido sujeito a Ensaios Clínicos e estudos de toxicidade e eficácia pré-clínicos in vitro e in vivo antes de ser lançado no mercado porque o de marca já foi sujeito a isso e cumpriu os requisitos para as doses comercializadas; não sabem que uma boa parte dos genéricos são produzidos nas mesmas fábricas onde se fazem medicamentos de marca; vários utentes não têm sequer a capacidade para perceber o conceito de biodisponibilidade e bioequivalência. Por isso não considero que os utentes estejam realmente sensibilizados das vantagens reais do medicamento genérico, julgo que apenas sabem quanto gastam com o de marca e quanto gastam com o genérico; alguns acreditam no profissional que têm na frente, outros não acreditam; digamos que é ver para crer e com base na experiência individual, há utentes que tiveram reacção adversa a um genérico mas ao de marca não - excipientes diferentes; felizmente para muitos os genéricos começam a estar bem estabelecidos e há muito utente que confia com base na experiência que tem, mesmo nos mais baratos; outros desconfiam mas não conseguem pagar os de marca que prefeririam se tivessem dinheiro para tal; e há aqueles que desconfiam mas que não sabem que estão a tomar também já há muito tempo. Há de tudo um pouco. O maior factor de desconfiança é dizer-se que é igual, mas o preço ser diferente. Descredibiliza.]”

- “Não.”
- “Não. Quando entrei no mercado de trabalho acreditava podia confiar em ambos sem distinção, no entanto a experiência já adquirida diz-me que existem de facto diferenças que vão além do "psicológico" da pessoa. Quando um medicamento custa menos que um pacote de pastilha elástica como já foi demonstrado por um colega há uns tempos custa-me a confiar nesse mesmo medicamento.”
- “Não.”
- “Não, não é. Pessoalmente não confio nos genéricos da mesma forma. Apesar da formulação ser (ou dever ser) exactamente a mesma, não é «justo» que empresas conceituadas e especializadas na produção de medicamentos sejam ultrapassadas por meros comerciantes que nascem como cogumelos. Uma vez que a pesquisa e todo o trabalho de investigação e formulação se encontra fácil, o único custo que as empresas de MG têm é «produzir a receita». Uma vez que a patente do medicamento deixa de ser exclusiva a partir de determinada altura, não é estranho que as marcas tentem obter o retorno económico enquanto têm a exclusividade, já que depois estão sujeitas à opinião e/ou possibilidade económica do doente.”
- “Depende da minha confiança no laboratório em questão.”
- “Sim”

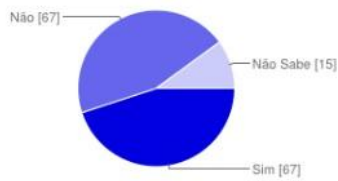
- “Quando o medicamento é demasiado barato confesso que tenho algum receio na qualidade do mesmo, porque se há medicamentos mais baratos que um pacote de pastilha algo está errado neste conceito, uma vez que um medicamento requer todo um conjunto de meios de investigação e processos que custam dinheiro, e penso que baixar tanto o preço desvaloriza o valor do produto.”
- “Sim, salvo algumas exceções (laboratórios que já mostraram de alguma forma ser de menor qualidade). Reacções adversas verificadas.”
- “Sim, claro que é. Tenho total segurança em todo o processo de controlo por parte do INFARMED e EMA no sentido em que tudo é feito de forma a que o utente tenha ao seu dispor o medicamento com os menores custos e com igual qualidade que o de marca respectiva.”
- “Como profissional de saúde, e acreditando que todas as normas relativas às boas práticas de fabrico são cumpridas na íntegra, não vejo motivo para que o medicamentos com preço mais reduzido sejam alvo de desconfiança Não. Existem variáveis na produção de um medicamento que não só a substância activa. Assim sendo, as empresas de genéricos têm cortado em alguns aspectos que julgo fundamentais na qualidade final do medicamento. O único estudo requerido é BDBE, muitas vezes dispensado na AIM , valendo-se as empresas de aspectos ambíguos da legislação nacional e GMPs. Não, confio em genericos, mas não em todos.”
- “Sem bases científicas para referir que não e tão eficaz não poderei fazê-lo. Por isso sim, confio nos genéricos.”
- “Sim”
- “Depende do laboratório em questão (laboratórios em que estão constantemente a ser retiradas certas substâncias porque se confirma que não têm principio activo, a meu ver não merecem cofiança) é a mesma sim. embora quando existem evidências clínicas de que um medicamento X (mais caro) seja melhor que um Y (mais barato). então ai a minha confiança como profissional se saúde altera-se e aconselho sempre o mais adequado para a saúde do utente.”
- “Não”
- “Sim.”
- “Partindo do conhecimento sobre o sistema, sim.”
- “Sim. Em ambas as situações existe e é exigido controlo rigoroso dos vários parâmetros de qualidade, eficácia e segurança que qualquer medicamento, quer com preço elevado ou reduzido, deve cumprir. A partir do momento em que estas exigências são asseguradas deve existir confiança suficiente, enquanto profissional de saúde, para aconselhar e/ou dispensar qualquer uma das alternativas, tratando-as como iguais.”
- “Na grande maioria dos casos sim, à excepção de casos pontuais e devidamente identificados e reconhecidos pela comunidade científica (ex: lasix-furosemida).”
- “Sim. Podem ocorrer situações de comparticipação total de um laboratório e não de outro.”
- “Sim, para mim a confiança num laboratório genérico é exactamente igual aos laboratórios da marca!”
- “Existem alguns laboratórios que devido ao seu preço extremamente baixo, me levam a duvidar de como uma industria consegue pagar os custos de produção e matérias primas com aqueles valores e ainda ter lucro. Deste modo, existem alguns laboratórios em que tenho algumas duvidas em dispensar aos utentes.”
- “Sim. Muitas vezes as variações de preço são apenas estratégias comerciais das marcas, não sendo o reflexo da alteração da qualidade do medicamento.”
- “Nem sempre, depende um pouco da substância em questão.”

- “Depende da marca de genérico mas não confio em todas as indústrias.”
- “Depende do laboratório”
- “Sim. Trata-se de margens de lucro. Se não fosse minimamente lucrativo, os laboratórios não se candidatavam à produção de genéricos.”
- “Sim, a legislação, normas e toda a documentação relativa à produção de medicamentos genéricos a tal o obriga.”
- “Devia ser.”
- “Dependendo do medicamento em questão sim. Se estivermos perante um caso de ben-ur-on/brufen ou paracetamol/ibuprofeno a confiança é a mesma. No entanto se nos estivermos a referir a um monuril/lasix e fosfomicina/furosemida a confiança já não é a mesma uma vez que estes genéricos não apresentam um efeito terapêutico tão bom.”
- “Sim, a mesma.”
- “Não. Nalguns casos julgo que o preço praticado não é suficiente para cobrir todos os custos que o fabrico da forma farmacêutica em questão exige.”
- “A confiança é quase a mesma.”
- “Nos dias que vivemos todos nós fomos obrigados a efetuar cortes e a indústria farmacêutica não foi exceção, mas com a entrada de laboratórios de medicamentos genéricos que não têm mais fim " acho que deviam existir cinco, seis laboratórios de genéricos mas com qualidade e não o número infindável que existe no nosso país", com isto termino não, não consigo confiar em determinados medicamentos com preços irrisórios.”
- “Não tenho a mesma confiança, questiono-me sempre sobre a qualidade da substância ativa e dos excipientes, não estou segura de que seja só a falta de investimento no desenvolvimento que justifica preços tão baixos nos medicamentos genéricos.”
- “Está pergunta não faz sentido, uma vez que não podemos olhar para a qualidade de um produto farmacêutico pelo seu preço...estamos a falar de coisas completamente distintas. Na minha opinião deviam rever a questão.”
- “Não existe informação suficiente sobre proveniência de matéria prima nem de percentagem de desvio em teor de princípio activo que me permitam dizer que confio plenamente em todo e qualquer genérico.”
- “Na teoria, a confiança será a mesma, mas na prática depende da empresa em questão, se prima ou não pelo rigor. No entanto, penso que a constante redução dos preços para valores demasiado reduzidos levam à banalização dos medicamentos por parte do utente, e em vez de encará-los como algo sério.”
- “Não, não é a mesma...”
- “Depende das Marcas.”
- “Não. Apesar de apresentarem a mesma função, a qualidade paga-se.”
- “Não”
- “Depende da capacidade financeira e de aceitação de um utente.”
- “Os doentes duvidam, fazem troça ate...! A confiança na eficacia terateutica do medicamento esta muito reduzida, o que diminui tambem a credibilidade do farmaceutico.”
- “70% SIM”
- “Sim”
- “Eu confio mais em certas marcas. Não consigo acreditar que uma sinvastatina que custe 1 € tenha alguma qualidade. Sim, é exatamente a mesma. Confio nas autoridades reguladoras para verificarem a qualidade dos genéricos, mesmo que (após a comparticipação) custem apenas alguns cêntimos. O mesmo já não se verifica

por parte da maioria dos utentes; havendo possibilidade de escolha preferem um de preço médio; não havendo alternativa, ficam surpreendidos e perguntam ao farmacêutico se o medicamento é de facto eficaz.”

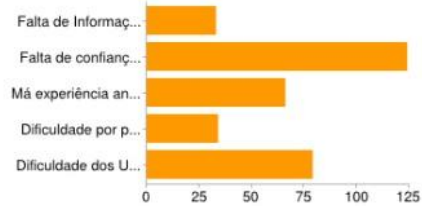
- “Em certos casos em que a margem terapêutica é estreita, por exemplo, não consigo deixar de ter um pouco de desconfiança, apesar de teoricamente saber que se trata da mesma dosagem e da mesma substância activa.”
- “Sim so se for de janela terapeutica estreita é q não.”
- “Sim, mas entre ceder um medicamento de um laboratório que conheço e que tenho o feedback dos utentes e ceder o medicamento de um laboratório cujo o nome nunca ouvir prefiro o primeiro.”
- “Teoricamente todos os mesmos medicamentos têm a mesma qualidade de fabrico. Contudo, às vezes interrogamo-nos: como pode um medicamento ser tão barato? O que faz a empresa de genéricos para conseguir preços tão baixos? E por vezes suspeito da sua qualidade... Não tenho tanta confiança.”
- “Não. Normalmente aconselho genéricos mas depende das situações. Antibióticos, medicamentos que actuem no Sistema Nervoso ou mesmo o genérico do lasix é óbvio que a confiança não é a mesma e por isso a hipótese é posta ao doente porque é ele que escolhe mas há situações em que não aconselho. De qualquer forma so manifesto a minha opinião se tal me for perguntado.”
- “Sim”
- “Sim, de acordo com as informações que temos, confio perfeitamente.”
- “Depende do medicamento, do laboratório, da situação do utente, etc.”
- “Sim.”
- “Sim perfeitamente, aliás em Portugal os medicamentos poderiam ser todos gratuitos e isso seria um rombo de menos de 0,5% no lucro da Indústria Farmacêutica (isto contando com manutenção dos índices de consumo). O que me afecta a confiança são as recorrentes circulares do Infarmed relativamente a uma mesma marca, uma vez no ano considero normal mais que uma vez num ano passa a ser uma marca à qual ganho desconfiança e deixo de aconselhar...ex: Wynn, Aurobindo Iguamente tenho desconfiança de marcas com sede em países como por exemplo India, devido não só à menor regularidade de inspecções como à maior facilidade de suborno do inspector ou troca de lotes com a fabrica vizinha sendo esta nao certificada pela CE”
- “Depende da substância activa.”
- “Depende muito do próprio laboratório do medicamento em causa. Há medicamentos que pelo preço demasiado reduzido e não confiando a 100% no laboratório, não me permite ter confiança relativamente a um medicamento que apesar de ser igualmente barato, seja de um laboratório de confiança.”
- “Sim, a confiança é a mesma. Estudos têm que ser realizados para provar a qualidade e a biodisponibilidade dos medicamentos genéricos.”
- “Sim é a mesma”
- “Não, a confiança não é a mesma de todo. Já ocorreram casos em que o "genérico" era tão barato que nem princípio activo tinha e, portanto, não tinha eficácia. Logo deu muitos problemas à Indústria que o fez. (Bem feito!) Eu própria quando compro, para mim ou para a minha família, não vou ao mais barato, vou àquele em que tenho confiança (um bom laboratório, se for genérico) e há certos medicamentos que prefiro a marca. Acreditem que já notei diferenças de eficácia! “
- “Acho que não...”

Considera que os utentes estão sensibilizados para as vantagens do medicamento genérico?



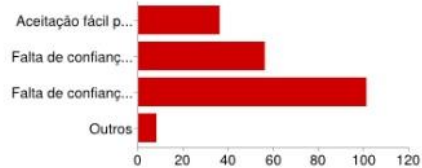
Sim	67	45%
Não	67	45%
Não Sabe	15	10%

Tendo por base a crise económica e financeira que o País atravessa era de prever um aumento das vendas de medicamentos mais baratos, no entanto, segundo os estudos do Infarmed mais de 50% dos utentes preferem medicamentos mais caros. Na sua perspetiva, quais são os motivos?



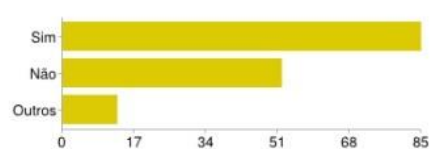
Falta de Informação por parte da Indústria Farmacêutica/Autoridades;	33	10%
Falta de confiança na qualidade dos produtos	124	37%
Má experiência anterior com Medicamento Genérico	66	20%
Dificuldade por parte dos técnicos de saúde em clarificar o conceito de Medicamento Genérico	34	10%
Dificuldade dos Utentes em aceitar o conceito de Medicamento Genérico	79	24%

Que feedback obtém da parte dos utentes quando lhes é apresentado um medicamento com preço demasiado reduzido?



Aceitação fácil por parte do Utente	36	18%
Falta de confiança na qualidade dos produtos	56	28%
Falta de confiança, mas, pelas dificuldades financeiras, aceitam a dispensa desse medicamento	101	50%
Outros	8	4%

Até há bem pouco tempo era possível verificar que muitos medicamentos apresentavam preços elevadíssimos para a população em geral. A confiança que demonstram hoje em dia perante a acessibilidade dos mesmos (genéricos ou não) foi alterada pelo utente?



Sim	85	57%
Não	52	35%
Outros	13	9%

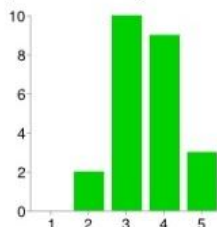
Anexo 4 – Respostas aos Inquéritos por Questionário (Médicos)

Médicos

“A constante diminuição do preço dos medicamentos leva a uma descredibilização do medicamento”. Poder-se-á afirmar que estas duas realidades se verificam?

Penso que não. A diminuição do preço dos medicamentos faz com que mais utentes consigam ter acesso aos mesmos. E, na situação atual em que o país se encontra, é uma vitória. Não Não Não. A mais valia da diminuição do preço é uma mais valia para os doentes. não Não Não necessariamente. A primeira não implica a segunda. A diminuição dos preços dos medicamentos significam que existem mais no mercado e por isso mais oferta. Não. A percepção que tenho é que a maioria dos utentes ve a diminuição dos preços como um ir ao encontro de suas necessidades por parte do "Estado" mais de o que uma alteração em sua qualidade. Não deixa de ser verdade que existe uma minoria de utentes com essa crença mas, segundo a minha experiencia esses são uma minoria. Sim não. Há alguns medicamentos muito baratos que são altamente eficazes. Não é pelo preço que se deve avaliar os medicamentos. Não- o preço diminui e os medicamentos sofrem alguma descredibilizacao- as duas realidades verificam-se mais independentemente. sim Nao Penso que o mais complicado é a alteração frequente das participações e a frequente entrada de produtos no mercado de laboratórios que não são conhecidos, podendo levar a alguma desconfiança. Sim. Uma pessoa informada não pode concordar com essa afirmação; o preço é um trade off entre vários partners! O preço dos medicamentos tem baixado, de facto, mas não considero que isso leve à sua descredibilização. Isto apenas beneficia os utentes, muitos deles com tratamentos crónicos dispendiosos e numa situação económica precária. Em última instância considero que a diminuição do preço é benéfica para a saúde. Eventualmente.

Segundo o INE, o número de indivíduos que procurou ajuda médica nos últimos anos tem aumentado. Como avalia a pertinência da procura de ajuda médica por parte da população?

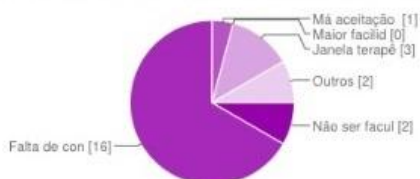


Nível de pertinência	Número de respostas	Porcentagem
1	0	0%
2	2	8%
3	10	42%
4	9	38%
5	3	13%

Este aumento de procura por ajuda médica leva a um aumento da despesa pública com a saúde nomeadamente no consumo de medicamentos. Concorda que a prescrição de genéricos pode ser uma forma apropriada de redução dos custos na saúde?

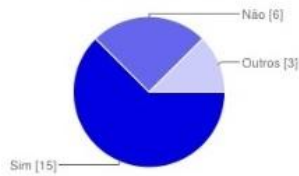
sim. Poderia ser, mas na minha opinião e apesar de existirem estudos de bioequivalência, pela minha experiência, muitos genéricos não têm o mesmo efeito terapêutico pretendido, pelo que pode ser necessário aumentar as doses acabando por sair mais caro. Depende do medicamento em causa não Sim sim Nao Sim. Sim mas não será uma medida suficiente Não concordo. O que diminui o preço dos medicamentos é uma diminuição do custo da molécula ao estado. A molécula original pode ser por si só barata. Se não for um entrave à própria saúde Não. Por definição, genérico tem que ter no mínimo 80% do princípio activo do fármaco original. Imaginemos que uma pessoa tem que tomar 20mg de um princípio activo 3 vezes por dia. Com o original tem-se a certeza que toma 60mg. Com um genérico com 80% apenas tomará 48mg do mesmo. Se a janela terapêutica for de 50mg com o genérico não se atinge o efeito desejado. Sim. Embora pense que não é o preço dos medicamentos o mau da fita. Concordo. Desde que seja mantida a qualidade da terapêutica, concordo na prescrição de genérico. Não concordo inteiramente, pois nota-se que muitos dos genéricos não têm a qualidade dos fármacos "de marca" (embora aja algumas exceções, claro), tendo menor eficácia (noto muito em Anestesia) e mais efeitos adversos (o que ainda pode ser mais perigoso) (sei que se passa em Oncologia). Logo, aplica-se a sabedoria popular "vai-te embora ganância, que dá prejuízo". A prescrição, desde que adequada, evidentemente que sim, mas é apenas um aspecto a considerar neste problema.

Segundo um estudo, “devem ser concebidos incentivos no sentido de os médicos prescreverem medicamentos de baixo custo, a não ser que o medicamento originador, mais caro, seja necessário por razões terapêuticas”. Na sua opinião, quais são os entraves à prescrição dos Medicamentos Genéricos?



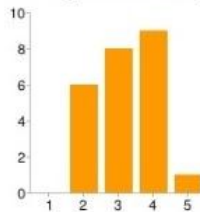
Entrave	Número de respostas	Porcentagem
Não ser facultada informação aos Médicos	2	8%
Falta de confiança na qualidade dos genéricos	16	67%
Má aceitação do doente	1	4%
Maior facilidade em recordar os nomes comerciais	0	0%
Janela terapêutica do fármaco	3	13%
Outros	2	8%

Costuma aconselhar os utentes ao consumo de Medicamentos Genéricos?



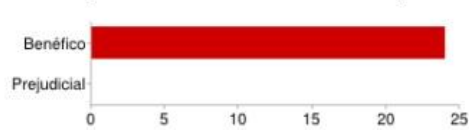
Sim	15	63%
Não	6	25%
Outros	3	13%

Qual o grau de confiança relativamente à eficácia dos medicamentos genéricos?



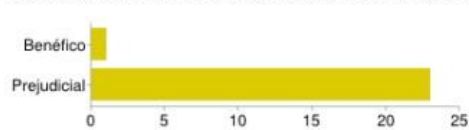
1	0	0%
2	6	25%
3	8	33%
4	9	38%
5	1	4%

Utentes [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



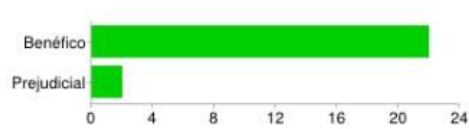
Benéfico	24	100%
Prejudicial	0	0%

Farmácias [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



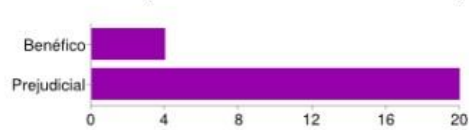
Benéfico	1	4%
Prejudicial	23	96%

Estado [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



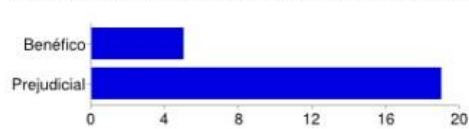
Benéfico	22	92%
Prejudicial	2	8%

Armazenistas [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



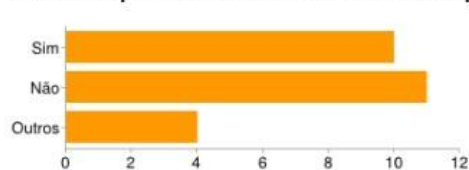
Benéfico	4	17%
Prejudicial	20	83%

Indústria [Como analisa a constante redução dos preços dos medicamentos nos últimos anos?]



Benéfico	5	21%
Prejudicial	19	79%

Considera que os utentes estão sensibilizados para as vantagens do medicamento genérico?



Sim	10	40%
Não	11	44%
Outros	4	16%